

MELLO, ADILSON DA SILVA, *Sá Mariinha das Três Pontas*. Aspectos da religiosidade popular na cidade de Cunha. Aparecida, Santuário. 2000, 204 p.

É a descrição da vida de uma benzedeira e vidente. É uma tese de mestrado que deseja fazer uma análise crítica situando os fatos diante da história, da sociografia e da religião católica. Queria visionar o fenômeno popular do ângulo antropológico estudando um caso particular em uma cidade sobre a qual já existe um estudo modelo de um brasilianista.

É muito boa apresentação da história com suas transformações desde os meados do século XVII até os dias de hoje. Mostra em suas várias fases o Vale do Paraíba desde as nascentes do rio até a parte central do Vale com o deslocamento das populações que vão ocupando lentamente a planície e depois as serras onde passava o caminho antigo das Minas Geras para o porto de Parati.

A segunda parte do livro apresenta com dados documentados a reflexão sobre a cultura do universo rústico da população do município de Cunha com suas tradições e as relações das camadas sociais.

Infelizmente, depois disso, o estudo do autor se enfraqueça com a total ausência da compreensão da realidade religiosa da mística cristã. Confundindo o catolicismo social com o catolicismo oficial, comportamentos carismáticos com manifestações de curandeirismo heterodoxo, parece um cego falando de cores.

Seu livro trata das qualidades extraordinárias de uma pessoa do povo e que o assusta por nunca ter ele lido algo sobre as análises dos fenômenos paranormais com as tentativas de compreensão que se podem fazer através da psicologia, da ascética e da teologia. O autor conhece Weber, mas não usa o que ele sugere para dar um pouco de luz ao que se refere (p. 118, nota 39).

As relações que o autor faz entre a fé e a religiosidade popular tornam-se pobres e incoerentes. Ele fica procurando um conflito entre o padre e a benzedeira como se fosse incoerente os dois viverem juntos: *ela não usa água benta mas água natu-*

ral (p. 172-173) proclama o autor assustado. Ele ignora totalmente a diferença entre uma devoção e um dogma de fé no sentido católico. Não sabe distinguir o benzer-se e o abençoar. Parece até que nunca ouviu falar de fenômenos devocionais como Fátima, Lurdes e semelhantes ou o próprio terço, este último uma forma popular de devoção criada para dar aos simples a condição de viverem a leitura dos salmos nos livros sagrados. Nessa situação o autor junta numa frase esses dados que ele não leva em conta no seu trabalho *as relações* (p. 170).

Dou toda a razão ao autor que no caso de uma análise de fenômenos religiosos é indispensável o uso da interdisciplinaridade (p. 175). É muito boa a análise e deve ser levada em consideração quando se estuda a vida e a influência de uma pessoa, mas faltou um pouco de teologia. Sem a reflexão a partir da fé far-se-á uma descrição vazia de seu conteúdo fundamental: seria o mesmo que analisar as relações mãe e filho ignorando a afetividade que lhe é própria e usando apenas como medida as relações normais entre um homem e uma mulher que se encontram por acaso para assistir um jogo de futebol! Ignorar completamente o específico para se pautar apenas pelo genérico. É o perigo de uma ciência da religião que desconheça a teologia; examinar a fé com muitos instrumentos sem levar em consideração nada da revelação, estudar a vida a partir dos cadáveres...

Se a tese tem profundidade e bibliografia adequadas para os capítulos 1 e 2, e nisso elogiamos ao autor, como se tratava de um fenômeno de fé religiosa, a pesquisa de campo devia estar apoiada numa bibliografia sobre a mística católica e a análise teológica da religiosidades popular, mesmo que o autor não tenha a mesma fé de sua analisada.

Além da crítica ao livro, vai aqui também uma observação para os teólogos. Não seríamos nós, os pesquisadores que procuramos compreender o fenômeno religioso de dentro da fé, os responsáveis dessas análises pobres de profundidade do real religioso e que se contentam de ver no dogma uma imaginação vazia e de imaginário subjetivo e incongruente? Não existem em nossas análises uma imprecisão e uma emotividade formadoras de *achismos* que pouco têm a ver com nossa fé revelada? Estamos realmente sendo críticos e cultivando nossa ciência com o respeito que merece uma cultura que distingue bem entre as ciências exatas, as ciências humanas e as reações da emotividade? O livro mostra ao lado de uma antropologia histórica sustentada pela técnica apurada um vazio de estudo científico da fé que mereça o nome de teologia. Se essa teologia existe entre nós, os teólogos, está ela em diálogo vivo com a cultura que nos cerca e nos observa?

*Pe. Antônio Silva*